

Educomunicação: da formação à cidadania de na Associação Civil JEDA. ¹

Ivone Braga de Rezende²
FAINC
Missila Loures Cardozo³
FAINC/IMES
Patrícia Regina Rossi⁴
FAINC

Resumo

Este trabalho propôs verificar como a Associação Civil “Juventude Esperança do amanhã” (JEDA), instituição de educação não-formal, se abre à Educomunicação, formando crianças de 7 a 12 anos, para serem atores de uma cidadania proativa. Este estudo preliminar foi desenvolvido através de revisão bibliográfica, que abriu novos horizontes com a visão antropológica de Edgar Morin, focando a gestão da complexidade; em Paulo Freire encontrou-se um interlocutor do diálogo pedagógico, enquanto Ismar Soares de Oliveira, sugere uma gestão educacional. O principal foco foi o JEDA, que tem como meta capacitar o agente educacional para fecundar as atividades propostas aos clientes. Através da pesquisa de campo, o trabalho aponta o uso ainda pouco intencional dos meios de comunicação, propondo a seus educadores a melhora de sua performance.

Palavras-chave

Comunicação, Educação, Cidadania, Complexidade.

Introdução

Segundo Edgar Morin vivemos em tempos de grande complexidade. A sociedade sofre conseqüências do neoliberalismo e globalização. A Ong JEDA – Sociedade Civil “Juventude, Esperança do Amanhã”, localizada na cidade de Santo André – SP, recolhe crianças e tenta suprir o que lhes falta de formação à cidadania. Isso requer profissionalismo por parte de seus agentes educacionais.

Apesar de seus limites, o presente trabalho pretende contribuir com a instituição, valendo-se dos avanços dos estudos e pesquisas em educomunicação.

¹Trabalho apresentado no II Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais.

²Pedagoga, especialista em Gestão da Informação, Mestranda em Gestão Educativa pela UPS-Ecuador. e-mail: ibrezende@fainc.com.br.

³Mestre em Comunicação Social, Especialista em Propaganda Digital e Bacharel em Publicidade e Propaganda pela UMESp (Universidade Metodista de São Paulo). Pesquisadora da Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa e docente do curso de Comunicação do IMES (Universidade Municipal de São Caetano do Sul). Docente do curso de Comunicação Social da FAINC (Faculdades Integradas Coração de Jesus). Consultora em comunicação e diretora de arte freelancer. e-mail: milacardozo@yahoo.com.br.

⁴Coordenadora e Docente do curso de Turismo das Faculdades Integradas Coração de Jesus, Assessora Institucional, Bacharel em Turismo pela Faculdade Ibero Americana de Letras e Ciência Humanas - UNIBERO e especialista em Ecoturismo pelo SENAC. Mestranda em Gestão Educacional pela UCB. e-mail: patricinhar@terra.com.br.

No JEDA é necessário avançar com “novos olhares” que uma aplicação criteriosa de pesquisas vai consolidando em “novas práticas”. É o que se espera para o JEDA com as conclusões a que se pode chegar com esta pesquisa de campo.

1. Comunicação e Educação: horizontes antropológicos e pedagógicos

A educomunicação, como nova área transversal do conhecimento humano, partilha dos conhecimentos básicos adquiridos pelos estudiosos a respeito da antropologia, educação e comunicação, de modo especial no século XX.

1.1. Visão antropológica de Edgar Morin

*Os horizontes antropológicos de Edgar Morin em Os sete saberes necessários à Educação do futuro abrem caminhos a todos os que pensam, fazem educação e estão preocupados com o futuro de crianças e adolescentes*⁵.

Para Morin qualquer cultura ou sociedade deve preocupar-se com o conhecimento humano, seus dispositivos, suas enfermidades, suas dificuldades, suas tendências ao erro e à ilusão. A educação deve nos levar à lucidez.

Nos séculos passados a educação sofreu forte influência do pensamento cartesiano. Morin, na *Introdução ao pensamento complexo*, coloca três problemáticas ao paradigma cartesiano: a primeira é da *disjunção*. Se pensarmos a ciência, a filosofia, a arte, a religião, como formas ou áreas de produção de conhecimento, Descartes torna-se inaceitável. Seu paradigma admite tão-somente o conhecimento científico. Há uma redução do complexo ao simples, do biológico ao físico, do humano ao biológico. Esse *reducionismo*, diz Morin, foi negativo para a cultura e para a educação.

A segunda problemática é a *hiperespecialização* que leva à abstração. O homem se especializa em uma parte do todo e deforma a visão global. Assim, a disjunção, a redução e a abstração produziram uma “inteligência cega” incapaz de perceber o elo inseparável entre o observador e a coisa observada.

Ensinar a condição humana: é uma busca difícil porque a educação segmentou o ser humano em disciplinas: o aspecto físico, o biológico, o psíquico, o cultural, o social e o histórico. Há um elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade de tudo o que tem

5

Cf. MORIN, Edgar. Os sete saberes..., pp. 11-33.

identidade terrena. Certos conhecimentos provocaram sofrimentos e desorientações aterradoras, no século XX⁶, como as grandes guerras mundiais.

Resgata a *complexidade*. A condição humana é tecida de muitos fios diferentes: racional e irracional, a ludicidade e o trabalho, o material e o espiritual. Cada uma dessas dimensões é um fio que se entrelaça, age, interage, retroage, interpenetra-se de tal forma que, em determinado momento, tem-se a sensação de confusão, de caos, de incerteza. É possível educar para a *incerteza*.

“É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto. De fato, a reforma do pensamento não partiria do zero. Têm seus antecedentes na cultura das humanidades, na literatura e na filosofia, e é preparada nas ciências” (Morin, 2004).

O homem caminha em busca da hominização, da *cidadania terrena* e de uma comunidade planetária organizada. Somente a hibridação, ou seja, o encontro de múltiplos campos científicos, complexos, tem favorecido o encontro da engenharia com a matemática, permitindo criar e desenvolver o reino da informática e da inteligência artificial. O valor está no diálogo entre as várias ciências, gerando a transdisciplinaridade, os complexos inter-multi-trans-disciplinares⁷ que realizam um fecundo papel na história das ciências, significando o ‘ultrapassar e o conservar’⁸.

Formar o sujeito, despertar-lhe a consciência, sua parte melhor e a mais frágil; capaz de exercer liberdades:

“O sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão. Acredito que o reconhecimento do sujeito exige uma reorganização conceptual que rompa com o princípio determinista clássico, tal como ainda é utilizado nas ciências humanas, notadamente, na sociologia. (...) Precisamos de uma concepção complexa de sujeito”⁹.

1.2 Visão pedagógica de Paulo Freire

Uma tendência que se contrapõe ao liberalismo é a pedagogia progressista, no Brasil representada pela proposta de Paulo Freire¹⁰: a pedagogia do diálogo. Freire propôs que se

⁶ Cf. Id. Ib.

⁷ Cf. Id. Ib. pp. 11-33.

⁸ Cf. MORIN, Edgard. *A cabeça bem feita...* pp. 115 e ss.

⁹ Cf. Id. Ib. pp. 126-128.

¹⁰ Cf. FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*.

substitua a ação como fim em si por uma reflexão-dialógica que antecede e acompanha a ação, tendo como referência o contexto social em que estão inseridos o educando e o educador. “O educador que segue os padrões iluministas desenvolve uma educação bancária, que serve somente ao desenvolvimento econômico e social no modelo industrial” (Freire, 1987). Freire recusa o “ensino bancário”. Mesmo que subordinado a esse ensino, o educando precisa manter vivo em si o gosto pela rebeldia, fazendo crescer a auto-estima, aguçando sua curiosidade, estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de “imunizar-se” contra o poder apassivador do “bancarismo”¹¹. Propõe assumir a realidade cultural local, com suas experiências concretas que mesmo que não sejam universais, são válidas!

2. Educomunicação – novo campo epistemológico

O novo campo do saber é aberto a propostas comunicacionais, abertas à formação educacional, gerando atitudes cidadãs.

2.1 A visão do novo campo epistemológico segundo Ismar de Oliveira Soares

Ismar SOARES observa que à margem da Universidade e do sistema escolar formal, a união estratégica entre os campos da Comunicação e da Educação vem ensejando a emergência de um novo campo de intervenção social.

A grande mudança é que não partiu da Universidade e sim da própria realidade: um campo interdiscursivo e interdisciplinar fora das fronteiras da “formalidade” ou da “informalidade”. Soares observa que vários setores da sociedade têm passado por mudanças profundas no cenário das Ciências Sociais. O setor popular vem se organizando e exercendo pressão sobre a mídia. O campo midiático se vê obrigado a transmissão de mensagens de interesses menos mercantis e mais comunitários.

O Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP, junto a agentes culturais e pesquisadores de 12 países da América Latina, de 1996 a 1999, realizou uma pesquisa que contou com a participação de pesquisadores da UNIFACS – Universidade de Salvador e FAPESB na coleta de dados no espaço cultural da Bahia, especialmente em Salvador¹². SOARES, a partir daí, comenta que a “*área da educação*

¹¹ Paulo FREIRE. Op. cit. p.25.

¹² Cf SCHAUN, Ângela. Educomunicação... p. 98.

*para a comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre esses dois campos e a área da mediação tecnológica na educação”, formam o núcleo da Educomunicação. A expressão comunicativa através das Artes e a da gestão da comunicação no espaço educativo, forma um verdadeiro *Ecossistema comunicativo*.*

A Educação interessa-se pelos estudos da recepção e volta-se para as reflexões em torno dos pólos vivos do processo de comunicação. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) abriu espaços para a introdução da educação para a comunicação nos currículos. No Ensino médio as normas para a Reforma estabelecem um terço do conteúdo dos currículos a ser elaborados levem em conta a presença das tecnologias (TICs) e dos meios de comunicação na educação.

Para Soares a educomunicação caracteriza-se pela busca permanente de respostas conceituais e pragmáticas para questões, especialmente frente ao paradoxo das tecnologias da informação e da exigência de especialização dos agentes sociais.

2.2 Visão do saber escolar X saber midiático de Geneviève Jacquinot

Geneviève Jacquinot, professora na Universidade de Paris 8 (Sorbone) acredita que um dos agentes sociais capaz de transformar a realidade educacional formal é a figura do novo profissional conhecido como educomunicador.

2.2.1. Da oposição entre o saber escolar e o saber midiático

No I Congresso de Comunicação, realizado em São Paulo (1998), Jacquinot apresentou um paper no qual afirmava que: o “saber midiático” e o “saber escolar” propõem aos alunos uma cultura “diferente”. É uma cultura diretamente integrada, ligada à origem sócio-cultural do aluno e sua família. O aluno traz para a escola, ou à obra de educação não-formal, a cultura midiática, sobretudo televisiva. Mas esse fato é ignorado pela Escola tradicional, para a qual existem apenas uma cultura e um saber: aquele promovido pela educação formal.

Os professores são desafiados a reagir de forma extrema: ou ignoram a influência dos meios e mantêm a tradição da escola ou ignoram a diversidade cultural e as realidades culturais de proveniência dos educandos. Quando introduzem os ‘meios’ no contexto escolar, passam a servir-se deles para atingir seus objetivos pedagógicos. O risco é trabalhar sobre as mensagens e não sobre os ‘meios’. Uma terceira opção é criar cursos

especializados de “educação para os meios” sem que nada mudar conjunto das outras práticas escolares.

2.2.2 Aproximando a educação formal da comunicação social

Geneviève Jacquinot reconhece que na prática, não se pode permanecer na visão que sustenta a dicotomia entre “saber midiático” e “saber escolar”, por três razões. A casa não é mais o “lar”, que permite conservar as crianças ao abrigo do mundo exterior. Em segundo lugar, porque a escola e os meios têm pontos em comum e, o que se aprende na escola pode ajudar a compreender os meios e vice-versa. Enfim, porque os modos de apropriação do saber mudaram e mudarão ainda mais, na nossa sociedade que desenvolve “a indústria do conhecimento” (a indústria cultural). Jacquinot propõe um quarto caminho: a educomunicação.

2.2.3 - A Educomunicação

Há uma outra via, mais exigente ainda para alunos e mestres, mas a única possível no contexto da sociedade do amanhã: a do educador que aproxima a escola da comunicação, a partir de uma perspectiva cidadã.

Observa-se, por outro lado, que as teorias da comunicação e da educação atualmente convergem para substituir o paradigma da transmissão de conhecimentos, como valores, pela “mediação” compreendida como modelo interpretativo e relacional da apropriação de conhecimentos.

Pedagogos recentes como Wallon, Vygotsky e Bruner têm uma concepção que privilegia a aprendizagem como “construção de significado”. A comunicação superou a concepção funcionalista da informação e chegou à percepção de um receptor co-construtor de significados.

Surge o novo *mediador cultural*: alguém que tem a dupla função teórica; alguém consciente de que uma educação de “massa” e “multicultural” situa-se além da simples aquisição de conhecimentos escolares; que vê nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos certos, mas também porque oferecem uma *representação do mundo*. Mobiliza uma quantidade de “micro-saberes” acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dar *sentido*. O educador sabe que ao introduzir os ‘meios’ como objeto de estudo, vai ensinar a analisar sob triplo

ponto de vista: do “*poder econômico*”, ético e político que os produz; das “*montagens do discurso e da cena*” que constrói a mensagem, e, da “*audiência*” que lhes dá “sentido”. O educador que aceita um novo referencial poderá aprender com o aluno a manipulação das novas tecnologias. Os alunos podem ensinar uns aos outros principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informação, suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado.

2.3. Visão do espaço interdiscursivo de Ângela Schaun

Ângela SCHAUN¹³, admite um espaço interdiscursivo entre Comunicação e Educação nas práticas cotidianas. O educador vive correndo contra o tempo. Tenta utilizar cada vez mais os recursos comunicacionais, priorizando vídeos, programas de TV, de rádio, leitura orientada de jornais, análise de Literatura sob mais de um suporte técnico, o desenho, o grafite, o cinema, a fotografia¹⁴. Mas não consegue usá-los de forma intencional e propositiva.

As tecnologias da informação invadem a sala de aula, com especial destaque para os computadores e a Internet, expandindo as infovias.

O que sustenta a ação educomunicativa é uma releitura das utopias sociais impulsionadas pela motivação transformadora do *status quo*.

“A ação política se firma em dois grandes postulados: a formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos no meio social (onde toda e qualquer discriminação e exclusão deve ser banida) e a concretização das utopias sociais, mais claramente postas no campo da ecologia, de uma educação de qualidade e de uma comunicação participativa e democrática” (Schaun, 2002).

O profissional da nova área precisa abrir-se à formação continuada. Já estão sendo considerados os profissionais do século XXI. O I Fórum Nacional sobre Mídia e Educação – *Perspectivas para a qualidade da Informação*¹⁵, contou com a participação de jornalistas e editores especialmente convidados como representantes dos mais importantes veículos de Comunicação do país. Dentro deste foram, algumas recomendações surgiram:

“Incentivar a formação permanente dos profissionais da Comunicação e Educação através de ação das Universidades. No caso, sugere-se que as Faculdades de Comunicação e as de Educação criem, juntas, um currículo básico, a ser ministrado

¹³ Angela SCHAUN - doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação e Cultura (ECO), da UFRJ.

¹⁴ Angela SCHAUN.ib. p. 85.

¹⁵ Realizado em São Paulo, em novembro de 1999, pelo Ministério da Educação, o Conselho Nacional de Secretários de Educação, a Unesco, o Instituto Ayrton Senna e a Agência Nacional de Direitos da Infância - ANDI.

a cada final de ano para os formandos das duas áreas, com informações básicas sobre a inter-relação Mídia e Educação” (Schaun, 2002)

O campo insere-se como um palco novo de atuações ao Educomunicador:

- 1) Em ambientes voltados para programas escolares (educação formal)
- 2) Ambientes dedicados ao desenvolvimento de ações não-formais, como:
 - a) Emissoras de rádio e de televisão educativas;
 - b) Editoras;
 - c) Centros produtores de material didático;
 - d) Nas instituições que administram programas de educação à distância;
 - e) Nos centros culturais, centros de memória e centros comunitários.

Em qualquer lugar onde haja produção e veiculação de cultura, cabe a presença do novo especialista como ator. Cabe a ele fundar um novo *locus* – a inter-relação comunicação–educação (Schaun 2002). Trata-se de multiplicidades infinitas de construção de lugares de cidadania.

Maria Aparecida Baccega, redatora da revista *Comunicação & Educação*¹⁶, acompanha com grande interesse o desenvolvimento e a gestão desse novo espaço. No processo da leitura crítica da mídia, o exercício pleno de uma cidadania ativa só se configura no momento em que existe uma compreensão clara do papel da indústria cultural e do educador como agente mobilizador e transformador. Utilizar as notícias veiculadas pela mídia no processo de aprendizado na sala de aula é uma exigência de permanente dos leitores. A informação é elaborada e reconstruída a partir de recortes e pontos de vista de múltiplos interlocutores. Decifrar o mundo vivido do mundo relatado e interpretado é parte do processo cidadão. Cabe a comunicadores e educadores trabalhar para que a educação formal e informal se transformem, de fato, em educação plural.

Os meios de comunicação interagem continuamente no cotidiano do cidadão. No imaginário popular, o que importa é como a mídia descreve, interpreta, fotografa e divulga o mundo. A mídia pauta o mundo e forma ou deforma as mentalidades. Como funciona essa imensa indústria cultural que influencia diretamente o comportamento das pessoas? Como atua na construção de valores e crenças? Qual o papel da escola e das instituições de educação não-formal na leitura crítica da mídia? O ponto de partida é compreender que, na

¹⁶Revista Comunicação & Educação da ECA/UPS.

mídia, o fato relatado é uma versão do fato observado. É um recorte frágil e distorcido da realidade¹⁷.

2.4. De cidadãos a comunicadores

A indústria cultural precisa ser desvelada na sala de aula, onde é necessário entender que a mídia condiciona não *pele* que informa, mas *como* informa.

“Para acabar com o consenso fabricado é necessário redescobrir o mundo real. Não se trata aqui de demonizar o uso da mídia, mas entender claramente seus potenciais e limites. Trata-se de transformar os clientes em cidadãos, de acabar com o fetiche da mercadoria, da religião de consumo, da atualização do “*up grade*”, de deixarmos de ser zumbis culturais e nos transformarmos em cidadãos” (CALDAS, 2002).

O grande desafio da escola é educar crianças e jovens para o mundo em que vivem, onde os apelos persuasivos da comunicação interferem diretamente no processo da aprendizagem. O aprendiz é cidadão, converte a informação em conhecimento, é fruto da reflexão, a informação discutida, contextualizada, repensada, re-elaborada, reconstruída. É transformar a sala de aula em produção do conhecimento, do aluno em autor como participante da re/construção da informação¹⁸.

Saber ler, entender e questionar o autor, é essencial no mundo moderno. A leitura crítica da mídia exige educadores e comunicadores que ajudem os leitores a descobrirem o mundo fora das “telas” para a construção de um saber ao mesmo tempo coletivo e autônomo e de uma cidadania ativa e transformadora.

“A cidadania ativa num mundo desterritorializado, virtual, sem fronteiras, mediado pela comunicação digital, que transforma os fatos, as relações, os processos, em imensos hipertextos, implica um olhar político, participativo. Dessa forma estaremos nos transformando em historiadores do cotidiano e sujeitos de nossa própria história” (CALDAS, 2002).

3. Pesquisa de Campo

A Associação Civil “Juventude, esperança do amanhã” (JEDA), localizada na cidade de Santo André – SP, é um Centro de atendimento à criança e ao adolescente em situação de risco, com um trabalho educativo com crianças e adolescentes entre 07 e 17 anos, oferecendo-lhes oportunidades educacionais, numa obra de educação não-formal.

A proposta é feita às crianças e adolescentes que abandonam suas casas e são encaminhadas para morar com parentes, amigos, em pensões ou clínicas de recuperação de

¹⁷ Cf CALDAS, Graça. Leitura crítica da Mídia.... Comunicarte, N° 25 pp. 133-137.

¹⁸ Cf Graça CALDAS. Leitura crítica da Mídia... Comunicarte – N° 25, pp. 136 - 137.

drogas, segundo as necessidades do momento. Desde que foi criada, em 1984, já foram atendidos mais de 9.000 clientes, entre crianças e adolescentes. A Associação Civil JEDA acredita na formação humana integral, trabalhando para desenvolver as potencialidades de seus clientes, de modo especial das crianças e dos jovens. Quer propiciar o desenvolvimento de valores como: a honestidade, a hombridade, a colaboração e a responsabilidade social.

A pesquisa exploratória partiu da observação direta do funcionamento diário da instituição JEDA, com a aplicação de questionários para dois grupos de pessoas: para 9 agentes educacionais e 20 crianças que frequentam a instituição. Do grupo de crianças, foram aplicados questionários a 10 crianças que frequentam a instituição pela manhã, e a 10 que a frequentam pela tarde, grupos este dividido ainda em 10 meninos e 10 meninas, todos de 7 a 12 anos, o que corresponde a uma amostra de uns 8% do total de crianças e adolescentes que frequentam o JEDA. Do grupo de agentes educadores, não se fez distinção entre os sexos, e não se levou em conta o grau de qualificação de cada agente. Procurou-se observar, sobretudo, a relação educacional e a provável influência que eles poderiam exercer sobre os alunos.

Partiu-se da apresentação do vídeo *“Formação à cidadania”*. O roteiro mostra uma propaganda eleitoral, em que a figura de um palhaço (clown) fazia a conscientização do povo de um vilarejo, há muito tempo enganado por políticos.

Pela observação direta do registro dos procedimentos didáticos dos educadores em sala de “reforço escolar” e nos demais ambientes recreativos.

As hipóteses foram formuladas levando em conta os 2 grupos pesquisados. Para os agentes educativos, a hipótese a testado foi: “Se os funcionários e voluntários do JEDA receberem referencial teórico mínimo, serão capazes de fazer escolhas educacionais intencionais, de meios áudio-visuais (vídeos, DVDs, CDs), textos de teatro, que levem à assimilação de valores de cidadania”. Para as crianças a hipótese foi: “mediante atividades educacionais propostas, as crianças terão reais possibilidades de internalizar valores de cidadania, apesar da pequena formação educacional dos agentes”.

4. Análise dos Dados

A análise dos questionários dos agentes educadores revelou que:

- Pelo tempo de trabalho na Instituição nota-se que grande rotatividade dos agentes-educadores, o que dificulta a formação permanente dos mesmos: apenas 33% está há três anos na instituição, e 45% deles está apenas no primeiro ano a serviço na instituição;
- A maioria (67%) concorda que a Instituição oferece formação que leva à responsabilidade social, oferecendo a análise e discussão de vídeos formativos;
- Os que concordaram que a Instituição oferece formação mencionaram que isso aconteceu mais no período de preparação à Mostra Cultural, quando houve a apresentação de um vídeo e discussão sobre a Região Sul do Brasil;
- Todos foram unânimes em concordar com a necessidade de formar a criança ao exercício da cidadania;
- Apenas três, dos nove educadores, trabalham com “expressão e arte”. Os demais acham-se dispersos por outras atividades;
- Quando se perguntou expressamente a respeito de discussões sobre o respeito à vida, às pessoas, às crianças, e à responsabilidade social, houve apenas 45% de respostas positivas; as demais se dispersaram, pelo que se pode deduzir que ainda não há entre os educadores uma consciência de intencionalidade no uso dos recursos educacionais;
- Segundo os educadores as crianças e adolescentes do JEDA preferem a área do Esporte e da Arte (78% das respostas), às atividades do Coral ou dos Jogos Educativos;
- Quase metade dos agentes entrevistados (45% deles) não ouviu palestras sobre educação. Apenas 1/3 deles ouviu alguma coisa sobre isso no próprio JEDA. 11% deles diz tê-lo ouvido em sua Faculdade;
- Ficaram um pouco indecisos frente a questões como: há uma discussão em grupo, por parte dos educadores, sobre o que propor às crianças. Esse quadro pode ser analisado como uma preocupação com situações emergenciais;
- Revelam que gostam de trabalhar com esportes e arte, mas não há intencionalidade na ação. Não explicitaram se fazem debates após a apresentação de um vídeo, para formar cidadãos críticos frente aos meios.

Da observação direta com os educandos, colheram-se indícios palpáveis de que, de fato, a Educação pode repassar valores de cidadania.

A enquete mostrou - dentre as 20 crianças abordadas, distribuídas entre os 7 e 12 anos, prevalece a faixa etária de 8 a 10 anos, não havendo correlação com o grau de escolaridade das mesmas, e, o padrão estabelecido foi de 50% de meninos e 50% de meninas.

- A Instituição é aberta para crianças e jovens de 7 a 17 anos, podendo ser procurada por qualquer tipo de cliente. No momento, esse grupo apresenta 90% morando com a própria Mãe, o que significa um bom vínculo familiar. Somente dois deixam dúvida sobre a própria resposta;
- 90% admite morar em casa, revelando que existe uma mínima estrutura familiar;
- Da clientela contatada, colhe-se que 90% frequenta regularmente a Escola, para aprendizagem formal. Contrária, porém, a condição mínima exigida pela Instituição: que todos estejam matriculados na Educação básica;
- A maioria (90%) gosta de ver filmes, sem explicitar, porém, se há valorização do debate, que é uma proposta educomunicacional;
- Uma porcentagem de 90% revela o alto índice de preferência pela atividade lúdica do teatro, um ótimo indicador para a proposta de Educomunicação;
- Da amostragem colhida, 60% participa do Coral. É uma das atividades que dá visibilidade à Instituição, sendo convidada a se apresentar em mostras culturais;
- Predomina a figura materna, embora a paterna seja bem significativa. Em alguns casos os irmãos e tias também atuam com boa incidência;
- As crianças buscam a Instituição, atraídas pela área de lazer, jogos organizados e competições. Pode-se observar isso nas escolhas: 5 vêm para brincar, 4 para o esporte e apenas 1 para o coral. São áreas da Educomunicação. É necessário que haja intencionalidade de proposta, para que os fins sejam alcançados. Outra informação parece ser a busca de afeto e reconhecimento por parte das “tias” ou professoras.

Por fim, solicitava-se, explicitamente, que as crianças desenhassem ou escrevessem sobre uma pessoa fazendo algum trabalho de cidadania. Os temas abordados nos desenhos foram:

- Pessoa jogando algo no Lixo 09
- Pessoa atravessando a Rua, na faixa para pedestres 07
- Pessoa que fez uma horta e está regando-a 01
- Pessoa atravessando a Rua, onde há farol - respeitando o Sinal 01

- Pessoa trabalhando – pintando o Muro 01
- Pessoa no jardim da casa, onde há recipiente para recolher lixo 01
- Uma outra revelou respeito ao meio ambiente com o cartaz: *Não jogue lixo no mar!*
Com cores muito vivas, ela desenhou o mar com *peixes alegres*.

HÁ uma grande dedicação dos agentes educacionais a serviço da Associação Civil JEDA. Procuram acolher as crianças com atenção, respeito e carinho. São pacientes ao esclarecerem as dúvidas e tentam envolver as crianças e jovens naquilo que propõem.

Oferecem material escolar e didático de boa qualidade. Seguem as orientações da Coordenadora Pedagógica e colaboram para o bom êxito do produto final. Percebe-se que o agente educacional não está preparado para agir como educador. Usa os recursos da mídia somente para “ocupar o tempo” das crianças, sem proposta de debate sobre o que viram. Sente falta de formação continuada com propostas educacionais inovadoras.

Confirma-se a hipótese de que, os “educadores” do JEDA ainda não possuem um referencial teórico suficiente para realizar escolhas educacionais com intenção explícita de propor valores de cidadania.

Em relação ao grupo de crianças, verifica-se que a hipótese levantada de início confirmou-se, sobretudo, a partir dos desenhos nos quais expressaram valores de cidadania de respeito às leis de trânsito e o respeito ao meio ambiente.

Considerações Finais

Há tempos se presencia o ceticismo dos educadores acerca das contribuições dos meios de comunicação de massa no ambiente escolar, porém, esse panorama muda, como constatou Cristiane Jageneski (2002, p.17) em sua pesquisa: “Educadores, que há pouco mantinham preconceitos em utilizar os veículos de informação na sala de aula, estão percebendo que se tornaram estratégias no processo ensino-aprendizagem”, e ressalva, destacando a importância de se ter uma análise crítica sobre o conteúdo dos meios, não a fim de que se faça um processo de aprovação e rejeição de temas, mas para que se tenha conhecimento e, consciência sobre a informação trabalhada (JAGENESKI, 2002 p.19). Assim, destaca-se a presença fundamental do professor como centro mediador dessa relação entre educador e educando.

“Independentemente da perspectiva pedagógica que seja escolhida, o denominador comum do qual todas participam é o fato comprovado empiricamente de que – seja o que for que façam ou deixem de fazer – os professores, na escola, têm

importância para a recepção que os estudantes fazem dos diversos meios de comunicação”.(OROZCO apud JAGENESK, 2002, p19.)

“O desenvolvimento da capacidade de seleção e crítica da informação está intimamente ligado ao papel do professor em sala de aula. É ele que pensa e organiza situações, estimula a curiosidade para a formação do leitor que, através das informações, amplia seu horizonte cultural, desenvolve a sensibilidade para o aprofundamento dos fatos e estabelece relações. O professor é o elo entre a informação e o entendimento”. (TREVISANI, MOREIRA, GALUCH, SFORNI apud Jagenesk, p. 35)

O educador deve estar preparado para assumir a responsabilidade como agente multiplicador, porém, tal responsabilidade só se dará eficiente e praticamente quando este estiver consciente da plena necessidade de inter-relação entre educador e educando, como indica Adilson Odair Citelli (2000 p. 32): “Existe uma dificuldade muito grande da escola trabalhar com o que está sendo chamado de *“linguagens institucionais não escolares”*. Apesar de algumas experiências interessantes, que visam o aproveitamento do jornal em sala de aula (...), tudo é muito incipiente e marcado, sobretudo pela compreensível insegurança dos professores em se aventurarem por territórios e linguagens para os quais não foram preparados em seus cursos de graduação e licenciatura”. Evidentemente a possibilidade de repassar valores aos educandos, depende da intuição (busca constante pela verdade informacional) e capacitação do agente educador, o que inclui, sua auto-avaliação com vistas ao aprimoramento técnico e humanitário. Na Associação civil JEDA ainda não é possível contar com essa capacitação via processos de formação continuada. A qualificação profissional dos agentes sociais ali envolvidos, não corresponde, no momento, ao desejável e às exigências da clientela que requer maior especialização para as situações - problemas. Os “educadores” locais sentem falta de formação continuada com propostas educacionais inovadoras. A razão dessa ausência parece ser a falta de tempo para que se possa dedicar à uma formação específica e à troca aberta de “saberes”, entre os agentes. O potencial para que se tornem efetivos articuladores no processo ensino-aprendizagem existe nos ambientes de educação formal e não-formal como o JEDA, contudo, a inexistência de uma visão sistêmica e aberta às interações que se fazem necessárias - uso da tecnologia e prática intercultural – são entendidas como universo paralelo e não intrínseco ao contexto e conceito globais. De um lado, a necessidade de contato e interação com novas formas de comunicação é apelo dos agentes envolvidos nesta unidade social, de outro, a frágil interpretação e entendimento sobre o papel educativo de cada indivíduo ali atuante, afasta o Projeto JEDA da hibridização cultural, portanto, da

multiplicação funcional da educomunicação como condição *sine qua non* para envolvimento da comunidade JEDA como célula multiplicadora de saberes esim, apenas tecnicista.

Bibliografia

ACIOLI, Socorro. A prática da educomunicação na Fundação Casa Grande. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 26., 2003, Belo Horizontes. Anais...Belo Horizonte – MG: INTERCOM, 2003.

BACCEGA, Maria Aparecida. A construção do campo Comunicação/Educação. In: *Comunicação & Educação*. São Paulo: Moderna, v. 5, n. 14, p. 7-16, jan./abr. 1999.

_____. Meios de comunicação na escola. *Revista Comunicação e Educação*. set./ dez, p. 7-15. São Paulo, ECA-USP, 2002.

CALDAS, Graça. Leitura crítica da Mídia: educação para a cidadania. In *Revista Comunicarte – PUC* - Centro de Linguagem e Comunicação. v. 19, n. 25, p. 133– 143. Campinas: 2002.

CITELLI, Adilson Odair. Meios de Comunicação e práticas escolares. *Revista Comunicação e Educação*. jan./ abr., p. 30-36. São Paulo, USP, 2000.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. *Pedagogia da esperança: um reenccontro com a Pedagogia do oprimido*, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JACQUINOT, Geneviève. *O que é o Educomunicador?* São Paulo: USP, 1998? Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/núcleos/nce>>. Acesso em 10 jan. 2006.

JAGENESKI, Cristiane. O jornal local como material didático contribuindo na construção da cidadania. São Bernardo do Campo (dissertação de mestrado), 2002.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro*. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

SANTOS NETO, Elydio dos. *Educação e complexidade: pensando com Dom Bosco e Edgar Morin*. 2ª. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

SCHAUN, Ângela. *Educomunicação: reflexões e princípios*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____. *Práticas Educomunicativas: grupos Afro-descendentes – Salvador - Bahia*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

_____. *Caminhos da Educomunicação*. Coord. 2.ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*. São Paulo: Segmento, v. 7. n.19. p. 12-24. set./dez. 2000.

_____. Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da Educomunicação. *Comunicação & Educação*. São Paulo: Salesiana, v. 8. n. 23 p. 16-25. jan./abr. 2002.